



## Educação, salvação e conquista: a aventura presbiteriana no sertão do Brasil

**Education, salvation and conquest: the presbyterian adventure in the Brazilian backcountry**

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Educar, curar, salvar**: uma ilha de civilização no Brasil tropical. Maceió: EDUFAL, 2007.

Dinamara Garcia Feldens  
Universidade Tiradentes

344

O tema religião é, desde sempre, um assunto extremamente polêmico. Componente da própria condição humana, a religião é fruto de afecções e conceitos os mais diversos. Em se tratando de história da educação, ela adquire ainda outros componentes mais específicos, embora não menos polêmicos, pois se trata da formação de caráter, das moralidades, da cultura, de formas de vida.

O que parece consensual, no entanto, é que a religião ou a religiosidade não percorre apenas o espaço, ela acaba por qualificar, caracterizar, identificar o próprio tempo em que se vive.

Tratar do tema da religião, enquanto prática educativa, é, portanto, tarefa arriscada e necessária.

O livro **Educar, curar, salvar**: uma ilha civilizada no Brasil tropical de Ester Vilas Boas Carvalho do Nascimento cumpre essa tarefa. Trata-se de um trabalho que reúne uma detalhada e competente pesquisa documental, uma análise teórica centrada e adequada e uma vivência rara no tema em foco que permite a “tecelã – escritora” cerzir esses componentes com sensibilidade e clareza.

A obra gira em torno do grande projeto civilizador e salvacionista dos missionários religiosos presbiterianos, materializadas nas associações voluntárias e nas missões estrangeiras norte-americanas, aqui no Brasil, especialmente no nordeste brasileiro, em meados do século XIX e início do XX.

Ao se perguntar o que move os missionários presbiterianos, por mais de cem anos a se embrenharem pelo interior do Brasil – num cenário



absolutamente diverso ao seu e adverso em seu todo – a autora remete o leitor ao epicentro de uma questão que me parece fundante da própria condição humana, ou seja, a conquista.

Desde que iniciamos a longa jornada na luta por nossa sobrevivência no planeta Terra, essa configuração biológica complexa chamada homem – traz consigo o impulso que a cada tempo torna-se mais racionalizado de conquistar – e conquistar não só no âmbito da sobrevivência física mas também no âmbito de seus valores, verdades e de suas crenças.

Conquistar um bom lugar de coleta e abrigo, conquistar territórios, escravos, conquistar o reino dos céus, fiéis, mercados, consumidores, adeptos, crentes, seguidores... Conquistar naquilo a que cada um imputa o sentido, a importância maior, o significado mais contundente, conquistar a condição de ser e estar em seu tempo e em seu espaço. Mesmo que, e sempre que, esse tempo e esse espaço sejam criações daquilo a que chamamos história, a conquista é nossa própria história. As marcas e rastros desse processo de conquista é que joga o *Homo sapiens sapiens* no lugar de senhor no território do planeta Terra.

Certamente, a maior aventura humana de todos os tempos foram as navegações do final do século XV e durante grande parte do XVI; suas colônias e rotas comerciais – a cruz e a espada cravadas juntas no novíssimo continente. Nesse espírito de conquista territorial e de busca de fiéis, é que o Brasil entra para a história européia: incivilizados, sem Deus, sem Lei e sem Rei. Durante longos períodos de nossa história, tivemos investidas européias no sentido de buscar impor o rei, o deus e as leis que nos “faltavam”, ou seja, nos civilizar.

Já, no início do século XVIII, esse projeto passa, também, a fazer parte do ideário da América do Norte, personalizado em algumas de suas igrejas reformadas.

É, ainda, respirando e alimentando-se desse espírito que, aqueles que se crêem *mensageiros de Deus* (p. 22) chegam ao Brasil, movidos pela vontade de construir um novo mundo *decente e ordenado*. É sabido que esse novo movimento de conquista vinha, neste momento de nossa história, embebido no espírito dos Calvinistas imigrantes que povoaram os Estados Unidos e, sobretudo, por uma nova ordem no campo econômico: a consolidação do capitalismo. Esse novo ingrediente muda completamente o foco das conquistas realizadas nos dois séculos anteriores.

Ao buscarem a consolidação de uma nova ordem econômica, a fé vinha acompanhada de uma forma de conduta perante o mundo, do próprio liberalismo enquanto constituinte de comportamentos, valores e julgamentos. Todos esses projetos impulsionados mais radicalmente pela configuração de um novo homem – que vive *Deus na prática*. Ou seja, trata-se de ordenar uma nova forma de existência, e, para isso, é necessário ensinar, civilizar, salvar. As Igrejas reformadas, ao se auto-intitulem os “verdadeiros Cristãos”, possuem os argumentos e a potência necessária para esse empreendimento no novo mundo.

*Escolhidos por Deus para construir o paraíso na Terra*, a autora vai delineando cuidadosamente a trajetória destes novos americanos aqui em nosso Brasil tropical. O livro, então, instaura um cenário “tecido” entre o ideário protestante, a ação das associações voluntárias no contexto brasileiro, o processo colonizador, todos esses fios sincronizados no aporte teórico da história cultural.

Viver a *Teologia na prática* – e a obra em questão nos traz isso de forma extremamente clara – é, para os missionários, ser um cristão que vive tanto o sentido espiritual quanto o intelectual em sua plenitude. Salvar, educar e curar constituem-se na tríade possível para essa teologia tornar-se prática. E, se pararmos mais atentamente para os sentidos que aí se produzem, entenderemos a importância do estudo sério nessa direção para que possamos compreender os significados que estão compondo a formação dos valores e conceitos da sociedade brasileira em seu todo.

A obra de Ester vem somar nessa direção. Ao trazer até nós fontes sobre a educação presbiteriana, ela presenteia o leitor com uma importante contextualização da história da educação através dos personagens por ela revividos que construíram o Instituto Ponte Nova e seu cotidiano escolar.

Trazendo de forma minuciosa, embora não enfática o dia-a-dia dessa Instituição, a obra possibilita uma caminhada pelos corredores e salas de aula, pela secretaria e pátios, visualizando os alunos e seus professores, as tarefas escolares e não escolares, de forma organizada, otimizada e disciplinada, sem que isso seja o objeto primeiro deste estudo. E, nesse sentido, é que o livro tem a contribuir de forma mais efetiva, produzindo ramificações, gerando inquietações, tornando mais profícuo o estudo em torno da história da educa-



ção, quando, ao tratar questões que aparecem específicas fertiliza o solo para diferentes e novas possibilidades de pesquisa.

Profa. Dra. Dinamara Garcia Feldens  
Universidade Tiradentes | UNIT  
Linha de Pesquisa Educação e Formação de Professores  
E-mail | [dfeldens@hotmail.com](mailto:dfeldens@hotmail.com)

Recebido 31 out. 2008

Aceito 21 nov. 2008